

OS INTERTEXTOS NO CONTO “SE NADA MAIS DER CERTO LEIA CLARICE”, DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

Altamir Botoso³⁴

RESUMO

O objetivo deste artigo é realizar uma análise do conto “Se nada mais der certo leia Clarice”, do escritor angolano José Eduardo Agualusa, destacando os intertextos que se estabelecem entre esse conto e as obras da escritora brasileira Clarice Lispector (1925-1977) e do escritor português Fernando Pessoa (1888-1935).

PALAVRAS-CHAVE: José Eduardo Agualusa. Intertextualidade. Epifania. Heterônimo. Literatura africana.

INTERTEXTSTALE IN THE “SE NADA MAIS DER CERTO LEIA CLARISSE”
JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

ABSTRACT

The purpose of this article is to accomplish an analysis of the short-story “Se nada mais der certo leia Clarice”, by the angolean writer José Eduardo Agualusa, detaching the intertexts that settle between this short-story and the texts by the brazilian writer Clarice Lispector (1925-1977) and the portuguese writer Fernando Pessoa (1888-1935).

KEYWORDS: José Eduardo Agualusa. Intertextuality. Epiphany. Heteronym. African Literature.

³⁴ Professor do Curso de Letras e do Mestrado em Letras da Universidade de Marília-SP, UNIMAR.

INTRODUÇÃO

A literatura africana de expressão portuguesa ou a literatura africana lusófona, conforme a denominam alguns teóricos e críticos, “tem despertado profundo interesse no Brasil” (MONTALVÃO, 2011, p. 80), e entre os motivos para isso está o fato de que essa literatura vem revelando “a competência estética de seus autores em criar uma literatura autônoma e original” e demonstrando “como essa literatura pode interagir com todo o processo de identidade cultural africana, equacionando, assim, as contradições que foram historicamente implantadas por um sistema de colonização” (SILVA, 2011, p. 2), que marcou todos os povos africanos.

Esse é o caso de Angola e de muitas outras nações da África, que tiveram sua soberania usurpada pelo colonizador europeu, especialmente os portugueses, os quais dominaram os povos africanos durante séculos e impuseram os seus costumes e as suas tradições às populações dominadas.

A literatura produzida nos países africanos também seguiu o modelo europeu por um largo período, mas é só depois da independência que se verifica uma significativa mudança no panorama literário da África e, em particular, em Angola, conforme aponta Carlos Batista Bach (2011, p. 2):

[...] a literatura angolana serviu e serve como legitimadora d[o] estado-nação. [...]

[...] [o] contexto do colonialismo [...] só vai ter fim em 1975, com a independência angolana; que teve como fomentadora a própria literatura que se recheava de apelos à angolanidade e à necessidade de ser o dono da própria terra, de ser livre em seu país. Escritores como Agostinho Neto (que depois foi o primeiro presidente de Angola), Pepetela, Craveirinha, Luandino Vieira ajudaram a construir uma forte resistência ao domínio dos portugueses em terras angolanas.

Esses escritores auxiliaram a “compor um cânone angolano” (BACH, 2011, p. 3) tanto no território da prosa quando no da poesia. Em relação a esta última, vale salientar que “essa produção concilia sentimento nacionalista e expressão lírica, buscando assim equacionar as contradições historicamente criadas por séculos de exploração colonial”

(SILVA, 2011, p. 2).

A prosa angolana, por seu turno, atinge sua maturidade com as obras de Castro Soromenho (**Noite de angústia**, 1939; **Homens sem caminho**, 1942; **Calenga**, 1945; **Terra morta**, 1949), Arnaldo Santos (**Quinaxixe**, 1965), José Luandino Vieira (**Luuanda**, 1964; **A vida verdadeira de Domingos Xavier**, 1974; **Nós, os do Makulusu**, 1975; **João Vêncio: os seus amores**, 1979), Uanhenga Xitu, pseudônimo de Mendes de Carvalho (**Mestre Tamoda**, 1974; **Bola com feitiço**, 1974; **Manana**, 1974; **Maka na sanzala**, 1974); Pepetela, pseudônimo de Maurício Pestana Santos (**As aventuras de Ngunga**, 1976, **Mayombe**, 1980; **Yake**, 1984; **A geração da utopia**, 1992), Boaventura Cardoso (**Dizanga dia Muenhu / A lagoa da vida**, 1977), Jofre Rocha (**Estórias de Musseque**, 1976) (SILVA, 2011, p. 3) e muitos outros nomes ainda poderiam ser acrescentados a essa lista, como é o caso do escritor José Eduardo Agualusa.

A sua importância é posta em destaque por Bach (2011, p. 7-8), ao afirmar que:

Sua obra volta-se sempre para o contexto angolano e resulta de suas vivências entre Portugal, Brasil e Angola, uma vez que Agualusa vive em constante deslocamento entre esses países. Ser angolano para José Eduardo Agualusa é ser consciente de sua história, mas também participante de um mundo que se mostra sem fronteiras. É uma escrita que não se mostra com um olhar somente para o passado, mas converge para perceber o passado assimilando-o ao presente e traçando, nos seus personagens, as linhas do futuro de um povo, na medida em que tem um olhar atento para as obras já escritas em seu país e em outros, mas, ao mesmo tempo, não se deixa guiar pelo passado. Além disso, constrói narrativas que denotam uma intertextualidade com a história já constituída com outros autores da literatura angolana, mas que avança para além do que já escreveram criando um lugar próprio do seu dizer.

Nesse sentido, é notório o diálogo que Agualusa estabelece com os demais escritores angolanos e também com escritores da Europa e da América Latina, por meio do artifício do intertexto que ele estabelece entre seus textos ficcionais e as obras de autores portugueses, brasileiros, hispânicos, norte-americanos e africanos.

No presente artigo, visamos analisar o conto “Se nada mais der certo leia Clarice”, que se encontra no livro **Manual prático de levitação** (AGUALUSA, 2005,

p. 63-67), no qual predomina a intertextualidade com a escritora ucraniana naturalizada brasileira, Clarice Lispector, suas obras e também com um dos heterônimos do poeta português Fernando Pessoa, Alberto Caeiro.

O artigo divide-se em duas partes. Na primeira, elencamos as obras do escritor angolano e levantamos alguns dados sobre sua vida e particularidades sobre sua produção ficcional. Na segunda, analisamos o conto selecionado, enfatizando as relações intertextuais que se observam no referido conto.

Vida e obra de José Eduardo Agualusa

O escritor José Eduardo Agualusa nasceu em Huambo, Angola, em 13 de dezembro 1960. Estudou agronomia e silvicultura no Instituto de Agronomia, em Lisboa. Colaborou no jornal português *Público* e, atualmente, escreve crônicas mensalmente para a revista portuguesa *Ler* e, semanalmente, para o jornal angolano *A Capital*. Realiza o programa *A hora das cigarras*, sobre música e poesia africana, difundido na RDP África e é membro da União dos Escritores Angolanos³⁵

Em 2006, lançou, juntamente com Conceição Lopes de Fátima Otero, a editora brasileira Língua Geral, dedicada exclusivamente a autores de língua portuguesa. A sua obra encontra-se traduzida em mais de vinte idiomas.

Maria Teresa Salgado (2000, p. 176) acrescenta algumas informações valiosas sobre o escritor angolano do qual nos ocuparemos neste artigo:

[...] Desde 1998 ele se estabeleceu no Rio e, além de escrever muito, tem-se dedicado a divulgar as literaturas africanas, não só no Brasil mas pelo mundo afora. [...] Seu objetivo parece ter sido, portanto, destacar a interligação entre os espaços geográficos (o nascimento em Huambo, a formação como agrônomo e silvicultor em Lisboa e a residência atual no Rio), procurando evidenciar a transnacionalidade como marca de seu percurso. Dessa forma, sua biografia se encontra intimamente relacionada ao seu projeto literário que procura criar pontes entre Angola, Brasil, Portugal e o resto do mundo, promovendo uma reflexão sobre a importância da mestiçagem em

³⁵ As informações sobre José Eduardo Agualusa e suas obras foram retiradas do seguinte site: www.agualusa.info/cgi-bin/baseportal.pl?htx=/agualusa/div&page=biografia&lg=pt. Acesso em 05 jul.2011.

todos os níveis [...].

É possível notar que José Eduardo Agualusa empenha-se, por meio de seus escritos, em estabelecer conexões entre espaços geográficos que abrangem Angola, Brasil e Portugal, especificamente, mas também com escritores e obras latino-americanos, conforme será demonstrado mais adiante, na análise de alguns contos do referido autor angolano.

Agualusa, em entrevista concedida a Denise Rozário (1999, p. 362-363), deixa expressa a sua intenção de unificar e pertencer a distintas geografias, ao buscar definir-se e revelar quem ele é:

Quem eu sou não ocupa muitas palavras, angolano em viagem, quase sem raça. Gosto do mar, de um céu em fogo ao fim da tarde. Nasci nas terras altas. Quero morrer em Benguela, como alternativa pode ser Olinda, no Nordeste do Brasil.

O sintagma “quase sem raça” com o qual José Eduardo Agualusa se auto-define demonstra a sua consciência e a sua preocupação de não pertencer a um único solo, a uma única pátria. Na verdade, ele revela-se como um amálgama das raças africanas, europeias e latinas, fato que é constantemente evidenciado pelos textos que produziu e ainda produz.

A sua vasta obra divide-se em distintos e variados gêneros, conforme se poderá constatar na sequência deste estudo. Agualusa escreveu as seguintes novelas: **A feira dos assombrados** (1992), **A girafa que comia estrelas** (2005), **Passageiros em trânsito** (2005), **O filho do vento** (2006). Seus oito romances são: **A conjura** (1989), **Estação das chuvas** (1996), **Nação crioula** (1997), **Um estranho em Goa** (2000), **O ano em que Zumbi tomou o Rio** (2003), **O vendedor de passados** (2004), **As mulheres de meu pai** (2007) e **Barroco Tropical** (2009). Seus livros de contos abarcam os seguintes títulos: **D. Nicolau Água-Rosada e outras estórias verdadeiras e inverossímeis** (1991), **Fronteiras perdidas, contos para viajar** (1999), **O homem que parecia domingo** (2002), **Catálogo de sombras** (2003), **Manual prático de levitação** (2005). Escreveu um único livro de poesias: **O coração dos bosques** (1991). Também participou de um livro de reportagem: **Lisboa africana** (1993), com o jornalista Fernando Semedo e a

fotógrafa Elza Rocha. Dedicou-se ainda à literatura infantil: **Estranhões e bizarros** (2000), à crônica: **A substância do amor e outras crônicas** (2000), à produção de um guia: **Na rota das especiarias** (2008) e ao teatro, com as seguintes peças: **Geração W** (2004), **Chovem amores na Rua do Matador**, escrita em conjunto com Mia Couto (2007), **Aquela mulher** (2008).

Os títulos elencados comprovam a incursão do escritor pelos mais variados gêneros e estilos, abarcando contos, romances, poesia, jornalismo (SALGADO, 2000, p. 175), os quais tem tido grande repercussão e destacado a sua importância no cenário literário contemporâneo, além de revelar uma espécie de projeto de Agualusa:

[...] esse projeto, que vem se desenvolvendo e sobretudo se modificando desde as primeiras obras de Agualusa, parece ter como um dos seus objetivos maiores “confundir” as claras fronteiras que delimitam países separados pelo Atlântico, promovendo a interpenetração entre os espaços geográficos nos três continentes. Como pensar, então, o seu próprio perfil como escritor, sem evidenciar as ligações que possui com Angola, Portugal e Brasil? Da mesma forma, como pensar o processo de construção de identidade angolana sem considerar o emaranhado das relações existentes entre esse país Brasil e Portugal? (SALGADO, 2000, p. 176).

Assim, um dos recursos de que se vale José Eduardo Agualusa para borrar e apagar as fronteiras entre Angola, Brasil e Portugal é o emprego da intertextualidade, desvelando o diálogo entre as literaturas desses países, conforme ressaltaremos em nossa análise do conto “Se nada mais der certo leia Clarice”.

O nosso objetivo, conforme já comentamos, é empreender um estudo dos intertextos que se estabelecem com a obra e os escritos de Clarice Lispector, com um dos heterônimos de Fernando Pessoa, Alberto Caeiro e ainda com textos de Ernest Hemingway e Herman Melville.

O conceito de intertextualidade foi concebido por Julia Kristeva, quando ela retomou os escritos do teórico russo Mikhail Bakhtin e ponderou que “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto” (KRISTEVA, 1974, p. 64). Esse conceito pode ser complementado com o que afirma Tiphaine Samoyault (2008, p. 9) a respeito da intertextualidade, que é “a

presença de um texto em outro texto: tessitura, biblioteca, entrelaçamento, incorporação ou simplesmente diálogo” e que enriquece e permite a elaboração de novas e instigantes interpretações pelos leitores.

Vale destacar que uma das mais importantes características da literatura é “o perpétuo diálogo que ela tece consigo mesma” e que é o “seu movimento principal” (SAMOYAUULT, 2008, p. 14). Assim, a noção de diálogo revela-se fundamental para o estudo que se pretende realizar neste artigo, uma vez que buscamos ressaltar e destacar a presença da intertextualidade em três contos de José Eduardo Agualusa.

O estudo comparativo de textos literários, conforme assinala Leyla Perrone-Moisés (1990), comprova que a literatura se produz num constante diálogo de textos, por retomadas, empréstimos e trocas. A literatura nasce da literatura; cada obra nova é uma continuação, por consentimento ou contestação, das obras anteriores, dos gêneros e temas já existentes. O ato de escrever é, portanto, diálogo com a literatura anterior e a contemporânea.

O intertexto, ou seja, a relação que se estabelece entre dois ou mais textos, “é antes de tudo um efeito de leitura” (SAMOYAUULT, 2008, p. 25-28), pois a decodificação de qualquer processo intertextual vai depender da capacidade do leitor de detectar a presença de elementos de um texto anterior numa nova estrutura textual. Dessa forma, o intertexto, segundo as colocações de Michael Riffaterre, é “a percepção, pelo leitor, de relações entre uma obra e outras que a precederam ou a seguiram”.

Verifica-se, então, que os textos de diferentes literaturas dialogam entre si, conformando um processo de intertextualidade (PASSOS, 1996, p. 13), o qual implica escolhas feitas no domínio da tradição, tornada campo de sugestões e possibilidade de rearranjo, abrindo-se para o leitor a hipótese da revitalização de elementos do conjunto literário, que ganham seu acréscimo de sentido dialogando com o precedente e, por outro lado, “o caminho dos fenômenos intertextuais apresenta outra particularidade: certa cadeia de ecos metonímicos dos textos assimilados a se atrair e refletir, sob o influxo norteador de sentido” (PASSOS, 1996, p. 13) do novo texto. Assim, a intertextualidade revitaliza a literatura e possibilita a valorização de textos e escritores de todas as épocas, ao estabelecer um constante e fecundo diálogo e aproximando escritores, textos e países diferenciados e permitir encarar a literatura como sistema de trocas e o ato de escrever como um processo dialógico entre a literatura da tradição e a contemporânea.

A seguir, passaremos à análise do conto selecionado, enfatizando as suas relações intertextuais.

Ecos de Clarice Lispector e Fernando Pessoa

O primeiro intertexto que se nota, na leitura do conto “Se nada mais der certo leia Clarice”, evidencia-se pela menção do nome Clarice, o qual funciona como um chamariz para o leitor que, ao longo da leitura, descobrirá que a mulher mencionada no título é a escritora Clarice Lispector (1925-1977).

Benjamin Abdala Junior e Samira Youssef Campidelli (1994, p. 271) sustentam que Clarice é uma “sentidora”, “intuitiva”, pois seus livros, mais do que histórias, continham impressões, conforme ela própria deixou expresso em alguns depoimentos, assinalando que seus textos não se preocupavam com os fatos em si, uma vez que o mais importante era a repercussão do fato no indivíduo.

Essa é uma característica marcante dos escritos de Lispector e que está presente no narrador do conto e no seu protagonista – um velho pescador pernambucano – que ensina o narrador a sonhar peixes:

A seguir fecho os olhos e sonho um peixe. Foi um velho pescador pernambucano quem me ensinou isto. Eu estava sentado nas areias de Itamaracá, com um bloco de papel nos joelhos, concluindo uma aquarela. Ele veio por trás e ficou um momento observando:

- Por que faz isso? – perguntou. – O mar não cabe aí!

Sentou-se ao meu lado. Disse-me que às vezes, ao acordar, lhe doía, do lado esquerdo do peito, a humanidade. Caminhava então até à praia, estendia-se de costas na areia, e sonhava um peixe.

- Foi Clarice, sabe? Ela me iniciou. (AGUALUSA, 2005, p. 65).

O ato de libertar-se da realidade pelo sonho é um elemento que evoca os textos e os postulados clariceanos e, dessa forma,

Personagens e narradores desenvolvem, assim, um mesmo tipo de prática: aventuram-se através da imaginação, buscando romper com a barreira da palavra, com o rotineiro mundo lógico, voltado unilateralmente para os fatos observáveis. [...] (ABDALA JUNIOR;

É por meio da imaginação que o velho pescador consegue evadir-se da realidade cotidiana, fato que lhe garante algum alívio em face da realidade que o oprime e o desgosta. O ato de sonhar funciona como uma válvula de escape para as agruras do seu dia-a-dia.

A figura do pescador envelhecido dialoga com outro pescador, que é o protagonista do romance **O velho e o mar** (1952), do escritor norte-americano Ernest Hemingway (1899-1961). Nessa obra, Santiago é um pescador que consegue pescar um peixe enorme, mas ao procurar retornar à praia, como estava perdido no oceano, demora vários dias para chegar e então o peixe vai sendo devorado por tubarões e, quando finalmente ele consegue retornar, só resta o esqueleto do peixe. A história de Santiago pode ser interpretada como uma metáfora da própria vida do ser humano, uma vez que as lutas, por mais árduas que sejam, os esforços empreendidos todos os dias culminam num redundante fracasso que é a morte, destino do qual ninguém pode fugir. Enfim, tudo é ilusório e passageiro e todas as tentativas dos seres humanos revelam-se vãs e infrutíferas.

No conto de Agualusa, notamos uma atitude mais positiva, pois o velho pescador, que se encontra à deriva no mar, é salvo por Clarice:

Contava-se na ilha que o velho estivera três semanas perdido no mar. Salvava-se por milagre, porque ao décimo terceiro dia Nossa Senhora Aparecida lhe apareceu no saveiro, trazendo nas mãos um peminho de porco e uma garrafa de litro de Coca-Cola. Ele próprio me desmentiu o milagre, até um pouco irritado:

- Nossa Senhora Aparecida?! Qual Nossa Senhora, rapaz?! Quem me apareceu foi Clarice Lispector!... (AGUALUSA, 2005, p. 66).

É relevante destacar a atitude do povo ao mitificar a salvação do velho pescador, atribuindo-a a Nossa Senhora, fato que é contestado por ele, ao declarar que fora salvo por Clarice. O momento de salvação pode ser associado com a epifania, momento que, nos textos de Clarice Lispector, representa uma alteração e uma modificação na vida das personagens. Segundo Benjamin Abdala Junior e Samira Youssef Campidelli (1994, p. 274), o termo epifania,

[...] no sentido religioso, indica a presença de alguma entidade sagrada, que transmite uma mensagem ou aponta um caminho. No sentido literário, a epifania é o momento privilegiado da revelação, quando acontece um evento ou incidente que ilumina a vida da personagem. [...]

Complementando a definição de epifania fornecida por Benjamin Abdala Junior e Samira Youssef Campidelli, Affonso Romano de Sant'Anna (1996, p. 244) pondera que:

Aplicado à literatura o termo [epifania] significa o relato de uma experiência que a princípio se mostra simples e rotineira, mas que acaba por mostrar toda a força de uma inusitada revelação. É a percepção de uma realidade atordoante quando os objetos mais simples, os gestos mais banais e as situações mais quotidianas comportam iluminação súbita da consciência dos figurantes, e a grandiosidade do êxtase pouco tem a ver com o elemento prosaico em que se inscreve o personagem.

Ainda mais especificamente em literatura, a epifania é uma obra ou parte de uma obra onde se narra o episódio da revelação. [...]

No conto em análise, o momento da revelação e da mudança de horizontes na vida da personagem ocorre com o surgimento da figura de Clarice e a indicação do caminho para que o pescador possa salvar-se.

A presença de Clarice na vida do pescador é justificada por um hábito seu – a leitura:

Era um grande devoto de Clarice Lispector e Alberto Caeiro. Contou-me que Clarice lhe apareceu de madrugada, trazendo nas mãos *Uma Maçã no Escuro*, e lhe leu o romance inteiro. A seguir, depois que o achou mais recomposto, ensinou-o a sonhar peixes.

[...] Ele sofria com os erros dos outros. Andava pela ilha com *A Hora da Estrela* debaixo do braço, tentando, sem sucesso, converter os demais. Só eu lhe dava atenção:

- Se nada mais der certo leia Clarice. (AGUALUSA, 2005, p. 66-67).

O pescador, de acordo com as ponderações do narrador, é leitor de Clarice

e também de Fernando Pessoa (1888-1935), assinalado no texto pela menção a um de seus heterônimos, Alberto Caeiro, caracterizado como um poeta ligado à natureza, que emprega em suas composições o verso livre e uma linguagem simples e seus temas são marcados pela atitude antilírica, pela busca da objetividade e é ainda o poeta das sensações visuais e auditivas. Esses dados relacionam-se, explicitamente, ao mundo vivenciado pelo pescador e irmanam o mundo poético de Caeiro à realidade cotidiana do velho pescador, que também busca a simplicidade e a objetividade para a sua própria vida.

O universo da literatura é ressaltado não só pela referência à Clarice Lispector e a Alberto Caeiro, mas também é reforçado pela menção ao título de duas obras da escritora modernista: **A maçã no escuro** e **A hora da estrela**, dois de seus mais importantes romances e que deixam patentes o jogo intertextual que se estabelece no conto e que é utilizado para reverenciar não só dois dos maiores escritores de língua portuguesa, mas duas literaturas que sempre tiveram um papel relevante na formação dos escritores africanos, como é o caso de José Eduardo Agualusa.

O procedimento intertextual predominante que se observa no conto de Agualusa é a referência, que “não expõe o texto citado, mas a este remete por um título, um nome de autor, de personagem ou a exposição de uma situação específica” (SAMOYAUULT, 2008, p. 50).

Assim, no conto, conforme apontamos, ocorre a referência a dois livros de Clarice Lispector, e isso serve também para acentuar e particularizar o personagem principal de “Se nada mais der certo leia Clarice”, pois ele sobressai-se da massa de pescadores, é um leitor capaz de compreender criticamente o que lê e trazer essa experiência para a sua vida cotidiana.

É válido ressaltar que “a referência simples, a menção de um nome (de autor, de mito, de personagem) ou de um título pode remeter a múltiplos textos” (SAMOYAUULT, 2008, p. 60) e a significados também variados, como os que aqui apontamos, através da intersecção dos textos de Clarice Lispector na vida do velho pescador, figura essa que remete não só à obra **O velho e o mar**, mas também a **Mob Dick** (1956), de Herman Melville (1819-1891), já que o propósito do pescador é sonhar uma baleia: “[...] calculo que por esta altura ele já tenha conseguido sonhar a sua baleia azul. Já a deve ter lançado ao mar, cento e trinta toneladas de puro sonho, e o canto dela há de estar ressoando nas

águas” (AGUALUSA, 2005, p. 67).

Ao mesmo tempo em que as referências remetem a um mundo imaginário, onírico da personagem, abarcando um cenário intelectualizado, abrem-se para a possibilidade de a personagem buscar a realização pessoal e a liberdade, metaforizada na sua habilidade de “sonhar peixes” e, concomitantemente, pondo textos e escritores de literaturas e nacionalidades distintas em um fecundo diálogo, que é a marca registrada de todos os intertextos que estruturam o conto analisado.

Considerações finais

No conto analisado, foi possível perceber que José Eduardo Agualusa, através da retomada de escritores paradigmáticos das literaturas brasileira, portuguesa, norte-americana, criou um diálogo fecundo entre essas literaturas e a literatura africana, valorizando e possibilitando novas e instigantes leituras por intermédio dos intertextos que se estabelecem na história que escolhemos para este estudo.

Vale enfatizar que “o leitor vê-se envolvido pelo turbilhão de signos intertextuais em rotação” e, como participante desse diálogo, ele “reconhece ecos e ressonâncias, escuta vozes que se complementam, percebe a harmoniosa síntese possível” (GUIMARÃES, 1993, p. 63) entre as literaturas do continente americano, europeu e africano.

Dessa maneira, Clarice Lispector, Fernando Pessoa, seu heterônimo, Alberto Caeiro e os textos de Ernest Hemingway e Herman Melville transitam e imortalizam-se no conto aqui analisado, comprovando e confirmando que a literatura possui particularidades e especificidades próprias, “mas que ao mesmo tempo traz consigo a lembrança da cultura em que está embebida” (ECO, 1985, p. 12), por meio da intertextualidade, conformando um diálogo perene entre autores, temas, estilos e continentes distintos, que se irmanam e proporcionam sempre um campo aberto de associações e interpretações renovadas por leitores do mundo inteiro.

REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin; CAMPEDELLI, Samira Youssef. *Tempos da literatura brasileira*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1994.

AGUALUSA, José Eduardo. Se nada mais der certo leia Clarice. In: _____. *Manual prático de levitação*: (contos). Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

BACH, Carlos Batista. José Eduardo Agualusa e o cânone literário angolano. **Nau Literária**: crítica e teoria de literaturas. Dossiê: literaturas africanas de LP [Língua Portuguesa]. PPG-LET-UFRGS. Porto Alegre, v. 7, n. 1, jan./jun. 2011, p. 1-10. Disponível em: seer.ufrgs.br/NauLiteraria. Acesso em: 19 maio 2012.

ECO, Umberto. *Pós-escrito a O nome da rosa*. Tradução de Álvaro Lorencini e Letizia Zini Antunes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

GUIMARÃES, Denise A. D. De *Ficções* a *O nome da rosa*: caminhos que se bifurcam. *Letras*, Curitiba, n. 41, p. 63-73, 1992-1993,.

KRISTEVA, Julia. A palavra, o diálogo e o romance. In: KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 61-90.

MONTALVÃO, Stella. Des-re-territorialização em *O vendedor de passados* de José Eduardo Agualusa: uma leitura sobre espaço e poder. **Ariel**. Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF, Niterói, v. 4, n. 7, p. 79-90 nov. 2011.

PASSOS, Gilberto Pinheiro. *A poética do legado*: presença francesa em *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: ANNABLUME, 1995.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Literatura comparada, intertexto e antropofagia. In: _____. *Flores da escrivantina*: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 91-99.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977.

ROZÁRIO, Denise. *Palavra de poeta*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

SALGADO, Maria Teresa. José Eduardo Agualusa: uma ponte entre Angola e o mundo. In: SEPÚLVEDA, Maria do Carmo; SALGADO, Maria Teresa. *África & Brasil*: letras em laços. Rio de Janeiro: Atlântica, 2000. p. 175-196.

SAMOYAUULT, Tiphaine. *A intertextualidade*. Tradução de Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. O ritual epifânico do texto. In: LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G. H.* Edição crítica, Benedito Nunes, coordenador. 2. ed. Madrid; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Rio de Janeiro; Lima: ALLCA XX, 1996. p. 241-261. (Colección Archivos: 2. ed.; 13).

SILVA, Maurício. Angola, Moçambique e Cabo Verde: uma introdução à prosa de ficção da África lusófona. *Nau Literária*: crítica e teoria de literaturas. Dossiê: literaturas africanas de LP [Língua Portuguesa]. PPG-LET-UFRGS. Porto Alegre, vol. 7, n. 1, jan/jun. 2011, p. 1-17. Disponível em: <seer.ufrgs.br/NauLiteraria>. Acesso em: 19 maio 2012.

Disponível em: www.agualusa.info/cgi-bin/baseportal.pl?htx=/agualusa/div&page=biografia&lg=pt. Acesso em: 05 jul. 2011.

